MULTIAGRÍCOLAS

Efeito instantâneo

Pelo menos sobrou um saldo a favor do produtor com a disparada nos preços do algodão no mercado internacional. A indústria têxtil se conscientizou rapidinho de que tem de andar junto com o setor produtivo para manter seu nível de atividade sem as oscilações do mercado externo.

Falta consenso

Em reunião promovida em São Paulo pela Câmara Setorial do Algodão, com representantes dos ministérios da Agricultura, Indústria e Comércio, e, Fazenda, da Indústria Têxtil e do setor produtivo concluiu-se pela elaboração de propostas para recuperação da cotonicultura nacional. Um ponto, no entanto, não obteve consenso: o imposto de importação. A princípio, a indústria é contra o imposto. Mas sabe que precisa da produção nacional para trabalhar.

Preços despencam em URV

Com exceção do café, cuja cotação aumentou 3,2% em URV, os demais preços agrícolas despencaram no mercado nos últimos 30 dias. O feijão, liderou a queda, caindo 48% em URV. A cotação do boi gordo caiu 16% e o frango de corte, 11%, em URV.

Trigo ameaçado

O atraso na liberação de recursos para a safra de inverno ameaça o plantio de trigo. Mais uma vez, se os recursos não chegarem a tempo, os produtores podem reduzir área. Agide Meneguette, presidente da Faep enviou correspondência à Brasília pedindo liberação urgente dos recursos. As necessidades de crédito somam US$ 110 milhões, que correspondem a 50% das lavouras financiadas.

Reforma agrária

Paulo Cesar Furiatti tem uma visão diferente sobre o polêmico tema da reforma agrária. Para ele, a desapropriação de terras improdutivas no Brasil é uma medida econômica e não socialista. Ele justifica que a geração de riquezas nas áreas desapropriadas seria muito maior e traria grande impulso à economia

Expoutono-94

O leilão de ovinos Suffolk rendeu US$ 21.300 com a venda de 23 animais. A associação de criadores previa colocar 50 animais em pista, mas a oferta foi reduzida com a falta de animais do mercado para vender. O mercado de Suffolk está aquecido, com novas cabanhas na região metropolita-na de Curitiba. A maior compradora do leilão foi a Agropecuária Turkiwcz, do grupo Disapel, que está investindo na instalação de nova cabanha em São Luiz do Purunã. Comprou cinco animais no valor total de US$ 6.500.

PECUÁRIA

Ovelhas ganham espaço no PR

Cabanhas investem alto e importam animais para garantir melhoramento genético.

Vânia Casado

O Paraná está se consolidando como maior polo produtor de genética em reprodutores de ovinos tipo carne do Brasil, resultado de 15 anos de investimentos em importações de animais do Canadá, Estados Unidos, Inglaterra e Holanda. Aqui cerca de 280 cabanheiros produzem o equivalente a cinco mil animais, entre machos e fêmeas, animais puros de origem e três mil animais puros por cruzamento, por ano. Toda essa produção é vendida aqui mesmo e para outros estados, sendo que os animais de ponta são bastante disputados nas exposições de projeção nacional.

Dos oito primeiros prêmios concedidos na exposição de Esteio-RS, a maior feira agropecuária do país, cinco vieram para as cabanhas paranaenses. Mesmo nas feiras regionais e estaduais, contou Gastão Pereira Cordeiro Neto, supervisor técnico da Ovinopar, os ovinos são bem valorizados e quase não se encontra reprodutores para vendas.

Os investimentos foram iniciados na década de 60 quando o governo do estado importou reprodutores tipo carne dos Estados Unidos, Canadá, Holanda e Inglaterra. Houve interesse dos criadores e a própria estrutura fundiária do Estado, onde prevalecem pequenas e médias propriedades, favoreceu a atividade com animais de elite. Ao contrário do Rio Grande do Sul, que desenvolveu a ovinocultura tipo lã, com um rebanho de aproximadamente oito milhões de cabeças que ocupam grandes extensões de área naquele estado.

Aqui se cria quatro raças tipo carne, a Suffolk, Texel, Ile-de-France e a New Hampshire Dowm. A ovinocultura começou mais como "status" para alguns pecuaristas que importavam bovinos e traziam também ovinos. Mas foram os criadores de Suffolk que passaram a investir no marketing da raça e a atividade ganhou projeção. Hoje os criadores de ovinos de elite do Paraná constituem presença obrigatória nas melhores exposições agropecuárias do país, afirmou Gastão Cordeiro.

A cotação de animais de qualidade gira hoje entre US$ 900 e US$ 1.000, considerada até fraca por alguns produtores, acostumados com valores mais altos praticados há quatro anos atrás. Acontece que as importações troxeram mais realidade ao mercado, analisou Cordeiro que acredita na permanência desse nível de comercialização, daqui para frente.

Fotos de: Julio Cesar Souza

Ovelhas da raça Corriedale importadas do Uruguai.

Animais do Paraná são premiados em Esteio/RS.

Importação de ventre

Paralelamente aos investimentos dos cabanheiros o governo do Estado empreendeu um ousado programa de importação de ovelhas para formar a base de um rebanho geral tipo carne, atualmente estimado em 800 mil cabeças no Estado. Desde 1992, a Secretaria da Agricultura importou quase 200 mil ovelhas da raça Corriedale, tipo lã, do Rio Grande do Sul e Uruguai, que estão sendo repassadas a pequenos produtores em todo o Estado.

Essas importações estão trazendo animais de material genético inferior, definiu Cordeiro, mas com a grande vantagem de repassar "ventres" para a geração de animais tipo carne aqui no Paraná. O custo do repasse é baixo, cerca de US$ 20 por cabeça, que o produtor vai pagar em equivalente animal depois de três anos, num esquema rotativo, onde a devolução é repassada a novos produtores. É no cruzamento com reprodutores de qualidade adquiridos das cabanhas multiplicadoras, que fornecem animais mais comerciais, que estão concentradas as expectativas de formação e ampliação do rebanho geral, que vai dar significado econômico para a atividade, observou.

Por ter sido um processo rápido demais, disse Cordeiro, referindo-se às importações, existem alguns acidentes de percurso que tanto os ténicos da Secretaria da Agricultura como da própria Ovinopar, estão tentando superar. Segundo Gastão Cordeiro, o ovino depende de desverminação todo mês, exige alguns cuidados técnicos, que não estão sendo adotados por absoluta falta de informação entre os produtores e, inclusive entre os ténicos.

Outra preocupação para os produtores é a organização do mercado, para dar sequência ao ciclo econômico. Falta regularizar a oferta de cordeiros durante todo ano, que sofre interrupção entre os meses de maio e setembro. Na região metropolitana de Curitiba tem três frigoríficos de ovinos em operação, que ainda vão buscar animais para abate no Rio Grande do Sul, durante este período. ■

Criadores desenvolvem pesquisa

A Ovinopar, entidade que reúne as quatro associações de criadores de ovinos do Paraná, vai instalar a partir de 1995 uma central de testagem de ovinos, no município de Guarapuava. Trata-se de uma iniciativa pioneira para avaliar com dados objetivos a produção de carne de ovinos. A Central de Testagem vai adquirir tecnologia francesa para dar suporte ao programa de melhoramento genético em ovinos que se quer implantar no Estado.

Atualmente não existe melhoramento genético com ovinos, sendo que os investimentos nas raças ficam exclusivamente por conta das importações. E a avaliação de produção de carne vem sendo feita de forma subjetiva, afirmou Gastão Cordeiro, da Ovinopar. A Central vai desenvolver um trabalho de pesquisa, com resultados a médio prazo, que vai incluir os testes de progênie, que avalia as características dos reprodutores a partir do desempenho dos filhos.

AGRICULTURA

mercado de terras

prefere esperar a nova moeda

No Noroeste, preços triplicaram

Há menos de três anos, José Raimundo Costa, imobiliarista, retalhou o Rancho Cavalhada, fazenda de 52 alqueires em Nova Esperança, distante 40 Km de Maringá, onde predominam terras mistas e arenito-caiuá. Inicialmente, ele vendia a área em forma de sítios de até 8 alqueires. Depois, com o êxito das vendas, limitou os lotes a 10 mil metros quadrados em média. Hoje, com todo o loteamento vendido, ele se arrepende:

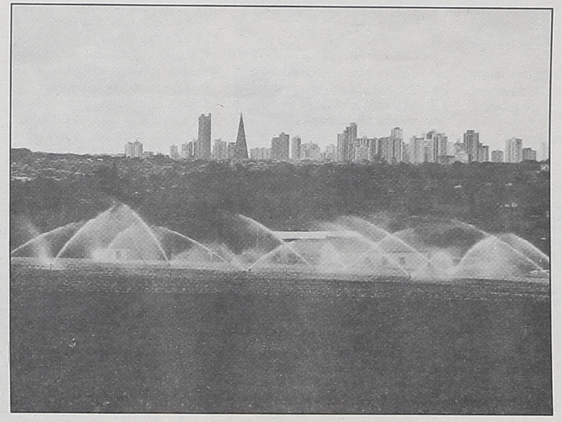
"Pra falar a verdade, tomei no nariz. Joguei fora o patrimônio. Não esperava uma reação tão forte no mercado de terras".

Tem razão. Na área que compunha o Rancho Cavalhada, distante menos de 2 Km do centro de Nova Esperança, principal município brasileiro produtor de casulos verdes (sericultura), o alqueire não sai por menos de 10.000 dólares. Sem benfeitorias.

Há dois anos, de acordo com imobiliaristas do Noroeste do Estado, o alqueire de terra mista ou arenosa - voltado, em sua maioria, à criação de gado de corte - era comprado facilmente a 2.000 dólares. Neste período, o valor (em dólar) triplicou, estando com preço médio fixado em 6.000 dólares para faixas em pequenos municípios situados 50 a 80 Km de Maringá e em faixas afastadas da sede do município. Na pequena e distante Santo Inácio, solo arenoso, há pouco tempo foi vendida uma fazenda de 250 alqueires. Preço do alqueire: 6.500 dólares.

Apesar da expectativa favorável e do aquecimento no mercado de terras em decorrência da grande procura e baixíssima oferta, nem todos acham que o Plano Real, que vigorará a partir de 1o. de julho, permitirá grande explosão nos preços deste setor. Júlio César Meneguetti, sócio proprietário do Grupo Usaçucar (quatro usinas de açúcar e álcool do Noroeste) que emprega quase 10 mil funcionários na safra e planta cana em 30 mil hectares em 34 municípios do arenito-caiuá, explica porque:

"Os juros na atualidade estão acima de 50%. E, se a inflação zerar a partir do Plano Real e os juros forem em torno de 10% ao mês, isto significará taxa de juros elevadíssima porque este índice será praticamente em termos reais e não nominais, conforme acontece no momento. De qualquer forma, em menos de seis meses será impossível uma avaliação mais acertada porque o comportamento do mercado de terras dependerá do comportamento do novo plano econômico. Se os juros reais forem entre 7 e 10 % ao mês, significarão liquidez acentuada para quem investir no mercado financeiro. Dentro desse raciocínio, provavelmente a compra de terras não seja o melhor investimento. Mas, ainda é muito certo para uma conclusão apressada. O tempo, também no mercado de terras agrícolas, é o senhor da razão." (LCR)



Áreas agrícolas próximas a Maringá. Muita procura e (quase) nenhuma oferta.

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO MERCADO DE TERRAS NO PARANÁ MARÇO E ABRIL/94 - HECTARE - CR$

ROXA	MARÇO	ABRIL	VARIAÇÃO(%)
Mecanizável não destocada	1.615.000,00	2.564.000,00	58,00
Mecanizável destocada	2.464.000,00	3.509.000,00	42,40
Não mecanizável	1.262.000,00	1.917.000,00	51,90
MISTA	**MARÇO**	**ABRIL**	**VARIAÇÃO(%)**
Mecanizável não destocada	742.000,00	1.105.000,00	48,00
Mecanizável destocada	1.297.000,00	1.888.000,00	45,60
Não mecanizável	615.000,00	910.000,00	47,90
ARENOSA	**MARÇO**	**ABRIL**	**VARIAÇÃO(%)**
Mecanizável não destocada	1.080.000,00	1.640.000,00	51,80
Mecanizável destocada	1.430.000,00	2.078.000,00	45,30
Não mecanizável	1.158.000,00	1.715.000,00	48,10

FONTE: Departamento de Economia Rural da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do PR.
OBS: o levantamento leva em conta as médias de preços em todas as regiões do Estado, optando-se por média geral.

ACERVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CAMPO LARGO - PR